

a morte do papa

Um novo cruzado em Roma

Joseph Ratzinger, o Bento 16, deve manter as orientações doutrinárias antiprogressistas de João Paulo 2º, o papa que ajudou a mudar dramaticamente a política global em favor dos EUA

Renato Pompeu

Mesmo na morte, João Paulo 2º, repetiu o fenômeno de mídia que encarnou durante seu pontificado (1978-2005), quando atraiu com suas visitas por todo o mundo dezenas de milhões de pessoas. Seu desaparecimento no início de abril levou, segundo cálculos do Vaticano, 3 milhões de pessoas à praça de São Pedro para se despedirem – só no dia do sepultamento, havia 500 mil pessoas no local e mais 600 mil nas proximidades. A fila para o velório chegou a atingir 5 km – em média, cada pessoa gastou 13 horas para alcançar o local onde estava o corpo. Para dar conta de transportar essa multidão, chegaram a Roma cerca de mil trens extras.

Não só os populares foram dar adeus ao papa morto – no total, 169 delegações de governos estrangeiros, 23 de Igrejas Ortodoxas e 17 de outras religiões foram à capital italiana. Seis mil jornalistas estiveram no Vaticano para cobrir a agonia, a morte e o sepultamento de João Paulo 2º. As cerimônias fúnebres foram cobertas por 137 redes de TV de 61 países, nos cinco continentes.

João Paulo 2º, no entanto, não será

lembrado apenas por sua popularidade. Ao longo dos 26 anos em que foi a principal autoridade da Igreja Católica Romana, ele desempenhou outros papéis importantes. Um deles resultou na reversão de uma tendência que vinha do início dos anos 1960, inaugurada com o Concílio Vaticano 2º, que abria perspectivas mais progressistas para a doutrina católica, especialmente na América Latina, com a Teologia da Libertação. Outra missão em que o ex-ator Karol Wojtyła empenhou-se foi a de ajudar a dismantelar os regimes da União Soviética e dos países do Leste Europeu, alterando dramaticamente o equilíbrio geopolítico global.

Mão a Bush O novo papa, Bento 16, nome adotado pelo cardeal alemão Joseph Ratzinger (imagem ao alto), ficou conhecido como o braço direito do conservadorismo de João Paulo 2º. Além das posições doutrinárias conservadoras que assumiu nos últimos anos, Ratzinger será recordado também, como cardeal, pela mão que deu na reeleição de George W. Bush à Presidência dos EUA no ano passado: ele ordenou que os

padres americanos não concedessem a comunhão aos católicos partidários da legalização do aborto, entre os quais se incluía o candidato democrata John Kerry. É possível que a eleição de Ratzinger, juntamente com a cruzada religiosa do presidente Bush, venha a representar um duro ataque ao secularismo – a separação entre Igreja e Estado, um dos pilares das modernas idéias ocidentais.

O novo titular do Vaticano nasceu na Alemanha em 1927. Aos 14 anos, se tornou membro da Juventude Hitlerista, o que havia sido tornado em 1941 obrigatório para todos os adolescentes alemães. Pouco depois, foi dispensado da organização, por ser seminarista. Alistou-se mais tarde como soldado numa unidade antiaérea, da qual desertou em 1944.

Ao fim da guerra, prosseguiu seus estudos religiosos, foi ordenado padre em 1951 e tornou-se professor universitário. Nessa época, defendia que era preciso combater a excessiva centralização e controle da Igreja pelo Vaticano, tendo sido consultor do Concílio Ecumênico Vaticano 2º, de tendência progressista. Mas anos depois, nas

Reuters

reedições de seus textos, retirou as frases com essas posições, pois, decepcionado com os movimentos estudantis ultracontestadores de 1968, se tornara conservador. Em 1977 foi nomeado arcebispo de Munique e Freising e, logo em seguida, cardeal, pelo papa Paulo 6°. Foi chamado a Roma em 1981, por João Paulo 2°; para exercer seu longo mandato como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (antiga Santa Inquisição).

Nesse cargo, ele condenou ao silêncio teólogos progressistas, como o brasileiro Leonardo Boff, que por isso abandonou o sacerdócio, e o leigo alemão Hans Kueng. Ratzinger obrigou a Igreja alemã a abandonar o serviço de aconselhamento a mulheres que pretendiam abortar, que visava evitar o aborto, mas que ele considerava como, de certa forma, uma legitimação do desejo de abortar. Também obrigou a Igreja alemã a abandonar sua campanha pelo sacerdócio feminino. Igualmente, obrigou a Igreja americana a deixar de lado sua postura a favor da contracepção.

Mais centralizador? Os especialistas em questões vaticanas esperam, em sua maioria, que o papado de Bento 16 vá ser tão centralizador e controlador quanto o de João Paulo 2° – ou até mais. O papa morto – que era estreitamente ligado, desde os anos 1960, à organização

fundamentalista Opus Dei, criada na Espanha e que teve representantes seus nos Ministérios de Franco — abandonou o colegialismo episcopal do Vaticano 2°, segundo o qual os bispos, em suas próprias reuniões e nas reuniões com o papa, eram livres para exporem suas opiniões sobre todos os assuntos e confrontarem suas experiências. João Paulo transformou essas reuniões de debates em correias de transmissão de suas idéias.

Nos anos 1980-1990, a Opus Dei ocupou os principais cargos de cúpula no Vaticano e, em acordo com o papa, colaborou para a restauração do centralismo e, mais ainda, do conservadorismo na Igreja. Nessa última vertente, a organização contava com Ratzinger como o principal orientador teológico da Igreja, um dos poucos ouvidos pelo papa.

Controle rígido A própria celebridade de João Paulo 2°, suas viagens triunfais que atraíam a cada vez milhões de pessoas, foram um meio de o papa impor seu autoritarismo. Ele se dirigia diretamente ao povo, passando por cima das instâncias da Igreja. Nomeou quase todos os cardeais atuais à sua imagem e semelhança. Diminuiu o poder dos arcebispos que se opunham a seu conservadorismo, criando novas dioceses que reduziram a jurisdição das arquidioceses, como aconteceu com dom Paulo Evaristo Arns

em São Paulo.

Esse controle rígido levou a que o papa só ouvisse os seus mais próximos e fiéis assessores nas grandes decisões da Igreja, em especial no tratamento reservado às mulheres e aos homossexuais, no referente à doutrina sobre anti-concepcionais e o aborto e ao casamento de padres, mais à or-

denação de mulheres.

Um resultado é que os ensinamentos do papa sobre questões morais não foram seguidos pelos fiéis. Outro foi que a Igreja não soube reagir à onda de dezenas de milhares de denúncias de pedofilia de seus sacerdotes, principalmente nos EUA, porque suas autoridades ficavam esperando as decisões de Roma, ao invés de tomarem a iniciativa das providências. Do mesmo modo, as doutrinas do papa contra o capitalismo neoliberal e contra a guerra não foram ouvidas nem mesmo na Polônia, na Itália ou Espanha, países milenarmente católicos que mandaram tropas para a guerra no Iraque, condenada por João Paulo 2°.

Outra consequência é que, na Europa, berço do catolicismo romano, inclusive na Polônia natal do papa e na Europa Oriental, em que ele teve papel decisivo na erradicação do comunismo, e nos EUA – a maior fonte de rendas da Igreja – as congregações católicas e as vocações para o sacerdócio têm diminuído. Na América Latina, a Igreja tem perdido fiéis para os cultos evangélicos, particularmente neopentecostais. No Brasil por exemplo, segundo pesquisa recente do *Datafolha*, a proporção de católicos na população brasileira caiu em apenas oito anos de 75% em 1994 para 70% em 2002, com os pentecostais tendo crescido no mesmo período de 10% para 15%.

Ataque ao secularismo Bento 16, tudo indica, deve seguir, no essencial, as orientações doutrinárias de seu antecessor. Mas, a julgar pelo que disse no sermão da missa que rezou após a morte de João Paulo 2° e antes do conclave que o elegeu, ele vai investir contra todas as formas de “secularismo”, entre as quais citou “o marxismo, liberalismo, coletivismo, individualismo radical, ateísmo, misticismo, agnosticismo, sincretismo”. Para o novo papa, a Igreja Católica Romana é a única que pode conceder a salvação, posição que cria obstáculos para o diálogo com outros cristãos.

A vantagem de Bento 16 é que ele não terá de combater, ao contrário do seu antecessor, a mais radical

Milhões de pessoas foram a Roma acompanhar a agonia e a morte de João Paulo 2° – às cerimônias fúnebres compareceram dezenas de delegações de governos estrangeiros e várias de outras religiões



manifestação do secularismo jamais ocorrida, o soviétismo ateu. Na cruzada que empreendeu contra o regime soviético e seus aliados no Leste Europeu, é bom salientar, João Paulo 2º não se comportou apenas como um simples pregador contra o comunismo, o ateísmo, as restrições à construção de novas igrejas e a outros direitos religiosos. Na verdade, ele parece ter sido um conspirador ativo, atuando ao lado dos governos dos EUA e de outras potências.

De acordo com o livro *Sua Santidade: João Paulo 2º e a história*

escondida de nosso tempo, dos jornalistas Marco Politi e Carl Bernstein, houve uma aliança secreta entre a Santa Sé e a agência de espionagem americana CIA para combater movimentos pró-marxistas. As informações colhidas pelas redes de sacerdotes nos países comunistas eram passadas à CIA. Em compensação, de 1981 a 1989, quando caiu o Muro de Berlim, o papa passou a receber informações recolhidas pela CIA nos países comunistas com satélites militares e escuta eletrônica.

Nesses países, principalmente na

Polônia, os templos católicos serviam de ponto de encontro de dissidentes, de centros de distribuição de jornais e panfletos anticomunistas e de informações sobre eventos culturais e outros não aprovados pelo regime (é interessante lembrar que, após o colapso dos regimes comunistas, a frequência às igrejas na Europa Oriental diminuiu em alto grau, para decepção do clero). Segundo os jornalistas, João Paulo 2º se reuniu secretamente, durante a Guerra Fria, quinze vezes com William Casey, então diretor da CIA, e com o general Vernon Walters, famoso por sua atuação em golpes militares na América Latina, inclusive no Brasil. A troca de informações entre o papado e a CIA envolvia também a América Latina, a respeito dos movimentos católicos de esquerda e da Teologia da Libertação, e outras regiões do mundo.

MÃOS DADAS COM A POLÍTICA

As relações íntimas do papado com a política não são novidade ao longo da História. Na época em que o papado ainda não existia, nos primórdios do cristianismo, o bispo de Roma era apenas um entre vários, mas tinha mais importância que os demais, por estar em contato direto com o imperador. Quando a sede do Império mudou para Constantinopla, o bispo dessa cidade é que ganhou destaque. Nessa época, a palavra papa, que em grego significa “pai”, era um título de todos os bispos e mesmo de padres.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, no século 5, o bispo de Roma se tornou a principal autoridade política entre os cristãos do Ocidente, governando territórios e mantendo exércitos. Em 800, por exemplo, Leão 1º, já com o título exclusivo de papa, coroou Carlos Magno como soberano do Sacro Império Romano, o que dava ao papa a autoridade última sobre quem seria o imperador no Ocidente.

O papa continuou, na Idade Média, rivalizando com o imperador como autoridade temporal. Durante o Renascimento, com os papas vivendo no luxo, surge como reação a Reforma, que tira do controle da Igreja de Roma o Norte da Europa, a partir do centro da Alemanha, onde passaram a dominar Igrejas Reformadas. Na Inglaterra, no entanto, ocorreu algo diferente: o rei Henrique 8º nacionalizou e passou a chefiar a Igreja Católica, com o nome de Igreja Anglicana (algo que tem alguma semelhança com o que fez a China nos tempos atuais, ao exigir que seus católicos não reconheçam o papa) – os católicos ingleses que permaneciam fiéis ao papa tornaram-se praticamente clandestinos até meados do século 19.

A partir do século 18, diante dos movimentos nacionais e democráticos que explodiram na Europa, os papas perderam grande parte de sua força política. Mas, mesmo com altos e baixos, continuaram controlando os Estados Eclesiásticos no centro da Itália. Até que em 1870, o governo da Itália recém-unificada extinguiu os Estados Pontifícios – o que fez ruir o poder temporal do papa, só restaurado no governo Mussolini, em 1929, com o reconhecimento pela Itália da Cidade do Vaticano como Estado independente, cujo soberano é o papa.

Embora os territórios sob controle papal tivessem se reduzido ao Vaticano, os papas mantiveram seu poder doutrinar fortificado. Em 1891, por exemplo, Leão 13, com a encíclica *Rerum Novarum*, interveio na questão social, contra os excessos do capitalismo, mas também contra o comunismo, posição que a Igreja mantém até hoje. Durante a 1ª e 2ª Guerras Mundiais o papado se manteve neutro, embora tivesse favorecido o nazismo, ao não denunciar seus crimes, em especial o Holocausto de judeus, ciganos, comunistas e outros (na imagem acima, Adolf Hitler conversa com o Núncio Papal, arcebispo Cesare Orsenigo, durante recepção para comemoração do Ano Novo, em Berlim, em 1º de janeiro de 1935). A Igreja era francamente favorável aos regimes de Franco na Espanha e de Salazar em Portugal.

Nos anos 1960 há uma virada, com o Concílio Vaticano 2º, convocado pelo papa João 23, de tendência progressista. Houve uma abertura para os movimentos sociais no mundo inteiro. Essa renovação, no entanto, foi desacelerada por Paulo 6º e definitivamente freada por João Paulo 2º. ■

Pesquisa ODI



Aliança com Reagan De acordo com Politi e Bernstein, João Paulo 2º agiu em aliança com o presidente americano Ronald Reagan, primeiro na Polônia, onde ajudou o sindicato Solidariedade, e depois nos demais países. A aliança chegou ao ponto de Reagan cortar programas de ajuda a planejamento familiar em outros países, para não contrariar as doutrinas sexuais do papa, e de este, em troca, intervir junto ao episcopado americano para que deixasse de lado suas críticas ao armamentismo do dirigente americano. Só depois da era Reagan, em 1991, quando o comunismo já estava derrotado, surgiu uma divergência de alguma gravidade entre os dois lados, em torno da Guerra do Golfo.

O anticomunismo de João Paulo 2º foi acompanhado, no entanto, de críticas a aspectos secundários do capitalismo. Ele queria um maior combate à miséria, à pobreza e ao desemprego, e também criticava a excessiva concentração de renda e do consumo de luxo. Criticava também a moral hedonista e a concentração de terras. Ao contrário de sua cruzada contra o comunismo, porém, suas idéias reformistas a respeito do capitalismo não deram em nada. ■